

Brasília

Brasília Palmo a Palmo (I)

Reportagem de Maria Valdira

O trabalho de reconhecimento, demarcação e locação das terras onde se ergueria Brasília, a nova Capital brasileira, foi o passo inicial para a implantação da cidade, que se tornaria poucos anos depois, o símbolo de uma geração. Muitos se empenharam nesta tarefa, de sol a sol. Al começou a concretização do grande sonho de integração nacional. As equipes se entrosavam, serviam-se dos subsídios levantados ora por um ora por outro grupo, sem constrangimento e sem a preocupação de afixar-lhes rótulos ou autorias. Assim, a Comissão de Cooperação para Mudança da Capital Federal, criada pelo Governo de Goiás - empenhado em que a sede da União se transferisse para o Planalto - trabalhou exaustivamente os dados levantados pela Comissão de Localização e levantou novos subsídios. Desconhecendo canseiras, desconhecendo partidismos políticos e divergências pessoais, os técnicos que integravam a Comissão dedicaram-se de corpo e alma à sua missão. Entre esses técnicos está o engenheiro Jofre Mozart Parada. Ele conhece Brasília como a palma de sua mão. Porque a mediu inteirinha. Nesta e em outras reportagens subsequentes, ele conta suas experiências no Distrito Federal e de como tornou-se, por escolha e por amor, e com muito orgulho, num daqueles que ajudaram com suas próprias mãos a construir o futuro de nosso País.

Sua paixão por Brasília começou muito cedo, quando ainda rapazinho, estudante de Engenharia na Escola de Minas de Ouro Preto. O entusiasmo pela mudança da Capital lhe fora transmitido por um de seus professores, Odorico Rodrigues de Albuquerque que, integrara a Comissão criada em 1946 para estudar a região onde deveria localizar-se futuramente a nova Capital brasileira. Tendo passado seis meses metido no cerrado estudando a geologia do local, o professor Odorico opinara no relatório de 47: que se fizesse Brasília ao norte do Paralelo 16, pois do contrário a cidade não iria passar de "mais" uma cidade brasileira. A área, objeto de estudos da Comissão, era muito grande. Abrangia todo o Triângulo Mineiro, o sul de Goiás, (Goiânia, Anápolis, Ceres), Paracatu, Unaí, Chapada dos Veadeiros. Ao contar suas experiências e investigações na extensa planura do centro do País, o Professor Odorico despertou no estudante Jofre Mozart Parada o desejo de colaborar na grande causa de mudança da Capital.

Formado, Jofre Parada recusou vários convites para trabalhar em cidades mineiras e de outros Estados. Não, tinha que ser Goiás. Tornou-se amigo de Bernardo Sayão. Acompanhou-lhe os passos arrojados no desbravamento do Planalto Central. Foi dos primeiros a chegar aqui. Colaborou na marcação do primeiro campo de pouso (onde hoje passa a Estrada de Ferro), na abertura da estrada de acesso à Cachoeira do Paranoá, na marcação do "ponto focal" (Cruzeiro). Guiando-se por uma fotografia aérea, levou dois dias para alcançar o local onde hoje se ergue a Ermida de Dom Bosco. Fez parte da equipe que marcou as áreas do Palácio da Alvorada, Brasília Pálace Hotel, instalações para abastecimento d'água da VELHACAP, energia elétrica, das primeiras casas que aqui foram construídas, dos escritórios da NOVACAP. Foi o responsável pela demarcação da Cidade Livre, e seu primeiro "prefeito". Como membro da Comissão de Cooperação para a Mudança da Capital, não tinha pouso certo: morava ora em Luziânia, ora em Planaltina, ora em Formosa. Trabalhava em Brasília e dormia onde tocasse de sorte, debaixo de uma lona no meio do cerrado ou no Hospital de Luziânia. Juntamente com Janusz Geralowicz, fez o primeiro mapa do Novo Distrito Federal - agora em sua sexta edição - contendo todas as fazendas do DF. Desapropriou a Fazenda Larga do Bananal onde hoje correm as linhas sinuosas da elegante arquitetura do Plano Piloto. Em 1955, tomou parte na campanha geológica do Estado de Goiás e percorreu muitos quilômetros de terra sem estradas, povoadas de índios, chegando até Guaraí. Esse fato seria a sementeira da Belém-Brasília, sonho e determinação de Bernardo Sayão. Trouxe a mulher e as quatro filhas (as

duas mais novas, gêmeas, com apenas oito meses de idade) e se fixou numa Brasília que ainda não era Brasília, mas mas que ele já considerava como tal. Nunca mais saiu daqui. Jofre Mozart Parada conhece esta terra palmo a palmo. Mediu-a com seus instrumentos de trabalho e com a sua dedicação. Viu-a com os mapas cartográficos, os teodolitos, as fotografias aéreas, e viu-a com os olhos do coração. Sentiu-a em suas próprias mãos, auscultou-lhe as vibrações, alcançou-lhe o profundo sentido histórico. Indagado sobre as dificuldades encontradas, o desconforto dos primeiros tempos e a solidão, ele responde com um sorriso franco e muita convicção: "Qual nada, tudo aqui era maravilhoso". E, além disso, muito mais animado que agora.

O relacionamento de Jofre Mozart Parada com Brasília começou, de fato, em 1955, quando ele foi nomeado integrante da Comissão de Cooperação para a Mudança da Capital Federal, iniciativa do Governador de Goiás, Juca Ludovico. Como o nome indicava, a Comissão tinha por finalidade cooperar, no que fosse possível, com a outra Comissão, criada pelo Governo Federal, de Localização da Nova Capital. Antes disso, ocorrera um fato interessante e que, a bem da História, merece ser lembrado. O Presidente da Comissão de Localização, Marechal Pessoa, vinha insistindo com o Presidente da República, Café Filho, para que baixasse decreto declarando de utilidade pública o quadrilátero destinado ao Distrito Federal, a fim de que sua equipe pudesse tomar providências concretas para início de seus trabalhos. A lei não saía. Foi, então, que Segismundo de Araújo Melo, representante do Governo de Goiás no Rio teve uma idéia: que se solicitasse do Governador goiano um decreto nesse sentido, pois diante do interesse do Estado na transferência da Capital, tudo seria facilitado. E assim se fez. Em 24 horas, o decreto foi elaborado, assinado pelo Governador, publicado e começou a ser posto em prática. O decreto, que tomou o número 480, de 30 de abril de 1955, "declarava de necessidade e de utilidade pública e de conveniência ao interesse social a área destinada à localização da nova Capital Federal para efeito de desapropriação". Dessa maneira, um decreto estadual ficou sendo o instrumento legal para uma providência de iniciativa exclusiva do Governo Federal. Mas, o fato é que o artifício colou e a Comissão foi em frente. Em outubro do mesmo ano (1955) o Governador Ludovico criava, através de outro decreto, o de número 1258) a Comissão de Cooperação, da qual faziam parte, como advogados, Segismundo de Araújo Melo, Arquelauro Augusto Gonzaga, Marcelo Caetano da Costa, Domingos Juliano, Eduardo Henrique de Souza Filho, Moacir Ribeiro de Freitas, Hamilton de Barros Velasco e Luís Honório Ferreira, que



Era Sábado de Aleluia de 57, quando a Comissão de Cooperação, iniciou seus trabalhos efetivos em Brasília. A foto foi tirada no Cruzeiro, no "ponto focal" do DF., como denominara o Marechal Pessoa, Presidente da Comissão de Localização



O primeiro mapa do Distrito Federal, especificando todas as fazendas que integravam a área, foi elaborado por Jofre Parada e Janusz Geralowicz

funcionava também como agrimensor. Na parte técnica da Comissão ficava Jofre Mozart Parada que era auxiliado por Luís Honório.

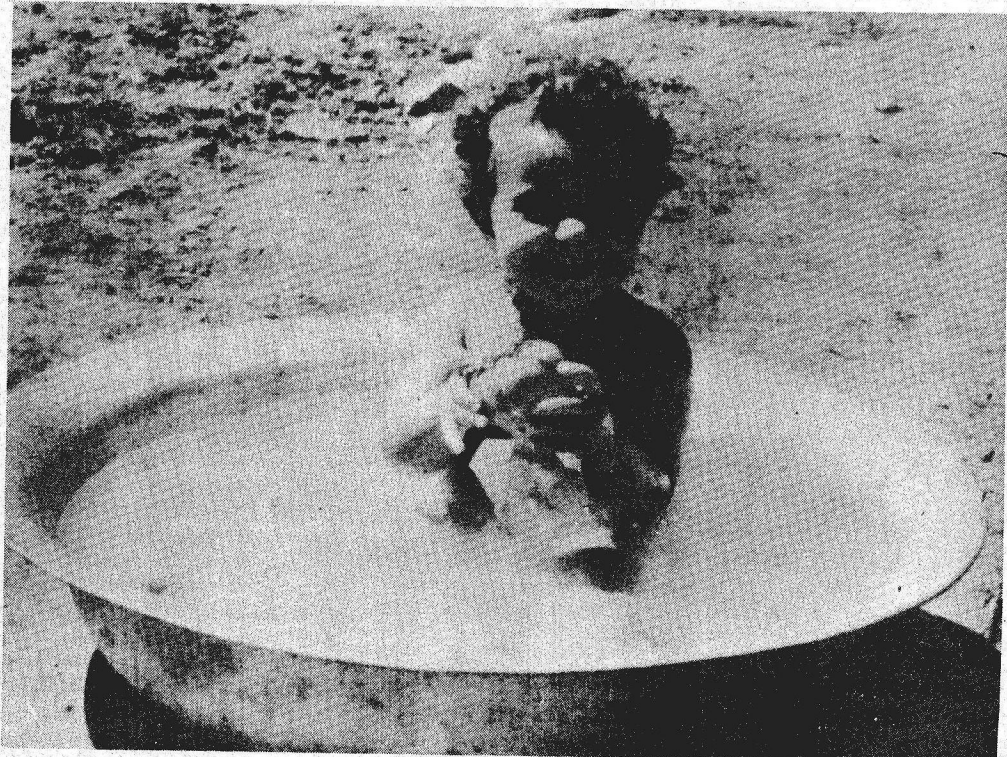
O primeiro ato executivo da omissão de Cooperação para a mudança da Capital foi desapropriar a Fazenda Larga do Bananal, pertencente a Jorge Peles e outro. Isso se deu em 30 de dezembro de 1955. A fazenda media 4.719 alqueires (23 mil hectares) e custou a quantia de 3 milhões e 870 mil cruzeiros (antigos), à base de 800 cruzeiros (80 centavos) o alqueire. Abrangia toda a área do Plano Piloto, Riacho Fundo, indo até às cabeceiras do Córrego Guará. Para a demarcação dela, a Comissão de Cooperação baseou-se num levantamento anterior feito pela Comissão de Localização. O dinheiro para a compra da fazenda saiu dos cofres do Estado de Goiás. E aqui, um parêntese, para uma justa homenagem ao Governador Ludovico: ele foi o grande ponto de apoio e incentivador da transferência da Capital brasileira, fornecendo recursos, elementos humanos e o "know-how" adquirido com a transferência da capital goiana, a fim de que Brasília se tornasse uma realidade o quanto antes. Já na Proposta Orçamentária de 56, elaborada e 55, incluiu um item de 120 milhões de cruzeiros para as despesas da Comissão. Aprovada, o dinheiro saiu no dia 19 de março de 1956, e nesse mesmo dia, a Comissão se instalou em Luziânia. Todos os integrantes do grupo, a partir daquela data, mudaram-se para a cidade goiana, a antiga Santa Luzia dos tempos da mineração, inclusive o Presidente, o médico Altamiro de Moura Pacheco que, sendo da Oposição (fora vencido nas urnas, em 1950, por Pedro Ludovico para o cargo de Vice-Governador) trabalhou com afinco e dedicação, acima de todas e quaisquer contingências partidárias. Aliás, este espírito era habitual relembra Jofre Parada -- nos tempos da construção de Brasília. Muitos adversários políticos se irmanavam em torno da causa comum e grandiosa de colaborar

com a marcha de integração nacional.

Uma outra das primeiras providências da Comissão foi elaborar o primeiro mapa do Distrito Federal. Esse trabalho ficou sob a responsabilidade direta de Jofre Parada e Janusz Geralowicz. Depois disso, começou, então, a grande e exaustiva tarefa de reconhecimento e medição do Distrito Federal. Conhecendo Brasília palmo a palmo, Jofre Mozart Parada vai citando dados, de cabeça, com a precisão de um computador. Três municípios goianos doaram as terras que formam o quadrilátero do DF, nas seguintes proporções: Luziânia forneceu 39,2 por cento do total; Planaltina, 33,4 por cento, e Formosa, 27,3 por cento. No Município de Luziânia situavam-se 42 fazendas; no de Planaltina, 38; e no de Formosa, 25. A reação dos fazendeiros era favorável. O ambiente, era de festa. Estavam todos muito ansiosos pela transferência da Capital. Muito diplomata, o Dr. Altamiro, presidente da Comissão, contornava, com eficiência, os pequeninos tropeços. Houve, por exemplo, o caso de um fazendeiro, dono de uma propriedade em Sobradinho que não queria ouvir falar de vender as suas terras. O negócio estava, assim, num impasse, agravado pela circunstância de que o homem, segundo notícias que corriam, sofria do coração. A insistência lhe poderia ser fatal. Um dia, dr. Altamiro estava olhando pela janela de seu escritório de madeira, quando viu o tal fazendeiro passando. Teve uma idéia luminosa. Cumprimentou-o com um sorriso, fez-lhe festas. Depois, muito jeito, perguntou-lhe: "Você não quer fazer uma consulta grátis? Vamos ver como está este coração". O homem aceitou. O Dr. Altamiro auscultou-lhe, verificou que o coração estava mais firme do que nunca. E saiu-se com esta: "Olha, companheiro, seu coração está uma beleza. Então, vamos tratar agora da venda da sua fazenda." Quando o cliente saiu, a fazenda já pertencia ao Distrito Federal. Sem choro e sem colapso.



Ele mediu Brasília palmo a palmo e acompanhou o seu crescimento como um pai que vê, com satisfação, sua filha crescer.



Quando Jofre trouxe a família, em março de 57, as condições de habitabilidade eram bem precárias. Mesmo assim, todos se apaixonaram pela cidade em construção. Sua segunda filha, Telma, hoje estudante de Engenharia na UnB, lembra, com alegria, o pitoresco de algumas situações, como o banho de bacia, à falta de instalações sanitárias adequadas.